

A escrita de uma história literária regional na perspectiva da Teoria dos Pontos Nodais

João Claudio Arendt* 

Considerações iniciais

O projeto que objetiva escrever uma história da literatura da Região Metropolitana da Serra Gaúcha (1897-1967) constitui o ponto de convergência de dois projetos anteriores, cuja investigação teve início em 2011 e se voltou, naquele momento, para a discussão dos conceitos de região, regionalismo, regionalidade, literatura regional e sistema literário regional.¹ Em seguida, realizou-se a coleta de materiais em bibliotecas e jornais regionais para compor um acervo tanto de notícias literárias e culturais, quanto de obras publicadas e de textos literários inéditos, num montante que ultrapassa atualmente vinte mil documentos.

A pesquisa em jornais contou com a ajuda de bolsistas de Iniciação Científica (IC) e foi realizada diretamente no *site* do Centro de Memória da Câmara Municipal de Vereadores de Caxias do Sul², que disponibiliza a imensa maioria dos periódicos locais em formato digital. Textos literários, bem como notícias sobre literatura, música, cinema e outras artes, foram selecionados, arquivados e catalogados de acordo com o nome do periódico, a data, a página, o título, o gênero textual, o autor e o assunto.

A análise desse material empírico constitui, agora, o estágio mais sensível da investigação, já que se quer evitar uma história literária nos moldes tradicionais baseada na mera cronologia, na divisão por épocas literárias e no exame apenas de obras e autores que se destacaram no sistema literário regional ou suprarregional. Isso porque os teóricos que embasam a pesquisa rejeitam os velhos modelos nacionais de escrita da história literária, em razão de eles não darem conta de uma série de especificidades que caracterizam as literaturas regionais.

A sistematização teórico-conceitual

A primeira etapa da pesquisa, que sistematizou aspectos teórico-conceituais, envolvendo categorias como região, regionalidade, regionalismo e literatura regional, utilizou como suporte estudos de, entre outros, José Clemente Pozenato (2003), Humberto Félix Berumen (2005), Jürgen Joachimsthaler (2009), Jens Stüben (2013) e Norbert Mecklenburg (2013). Essa revisão inicial de conceitos deveu-se ao

* Estágio Pós-doutoral no Lateinamerika-Institut (LAI) da Freie Universität Berlin, Berlim, Alemanha. Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rio Grande (FURG), São Lourenço do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória, Espírito Santo, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2587-2521>. E-mail: joaoarendt@gmail.com

¹ Ver os seguintes artigos, livro e capítulo de livro resultantes dessa etapa da pesquisa: Arendt (2010; 2011; 2012; 2015; 2017) e Arendt e Neumann (2013).

² Ver: <https://memoria.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid>

fato de, nos estudos literários brasileiros, persistirem noções obsoletas e até preconceituosas em relação à matéria regional. Lê-se, por exemplo, no âmbito dos estudos literários brasileiros, que a literatura de ambiência rural é regionalista; que as cidades não fazem parte das regiões e, por isso, a literatura de ambiência urbana não seria regionalista; que a região é um espaço sociocultural atrasado, de forma que sua literatura não tem grande valor para a historiografia literária; que a região é antes um espaço físico, do que cultural; que as regiões são fenômenos naturais e existem *a priori*; que o regional está em oposição ao universal; que o urbano é moderno, vanguardista e universal; etc.

Em vista disso, apresentam-se, de modo sintético, algumas noções que ajudaram a organizar o campo teórico-conceitual da pesquisa no seu estágio inicial. Em primeiro lugar, propõe-se que regiões não existem por capricho do acaso, mas, sim, que elas são produto do trabalho humano de delimitar e significar espaços sociais. As regiões surgem da inte(g)ração, harmoniosa ou não, entre indivíduos e grupos, que constroem modelos identitários capazes de identificar pessoas com um determinado espaço. Uma região engloba, dessa maneira, o espaço e os significados que se lhe atribuem, de modo que é autorizado incluir nelas as cidades – que não são, como se costuma afirmar, centros em torno dos quais as regiões (leia-se “o rural”) meramente gravitam.

Em segundo lugar, defende-se que a condição fundamental para que uma obra literária seja qualificada como “regionalista” é o seu comprometimento voluntário com uma região e sua cultura, e não a simples ambiência da trama/enredo em um espaço rural ou interiorano. A exaltação e a defesa de caracteres julgados ideais para a configuração de um modo de vida regional (em oposição, por exemplo, ao urbano ou ao suprarregional) é o que atribui especificidade a esse tipo de literatura. A literatura que se assume regionalista costuma qualificar uma região por meio da representação positiva das suas regionalidades. Ela se filia ao regionalismo com intenções programáticas para, por exemplo, preservar ou revalidar uma linguagem e um conjunto de hábitos em vias de extinção, tentar impedir o avanço da mecanização e da indústria sobre as formas tradicionais de produção, construir mitos de origem e exaltar os fundadores da região, defender os valores naturais em oposição aos artificiais, lutar contra as forças alienígenas que potencialmente ameaçam a região etc.

Em terceiro lugar, propugna-se que “literatura regional” não pode ser confundida com “literatura regionalista”, nem restringida ao espaço rural. Do ponto de vista temático, a “literatura regional” é uma categoria que pode englobar todas as produções literárias em que as regionalidades, isto é, as especificidades culturais, fazem-se presentes, tanto aquelas de teor mais crítico quanto aquelas interessadas em exaltar os valores de uma região. Uma obra pode ser, portanto, regional pelo simples fato de veicular regionalidades; ao mesmo tempo, pode ser regionalista por apoiar as regionalidades no pedal do “ismo”. Os adjetivos “regional” e “regionalista”, quando juntados ao substantivo “literatura”, são capazes de lhe atribuir noções de espaço, de origem, de matéria, de valor, de tempo e de etnicidade. O termo “regional” indica que alguma coisa – a literatura – pertence ou é própria de uma região, ao passo que a palavra “regionalista” sugere que a “literatura regional” inscreve-se em uma tendência que considera e favorece os interesses de uma região.

Em último lugar, a “literatura *em* uma região” (ou *localizada em* uma região) pode ser utilizada para definir e caracterizar a vida literária em um contexto regional, no sentido de um sistema literário.

A difusão depende da existência de um conjunto de elementos de natureza sociocultural, como, por exemplo, autores, leitores, editoras e outras instituições de fomento ao livro e à leitura. Sem ignorar que uma literatura regional relaciona-se com outros sistemas literários e se insere em uma trama maior da literatura nacional e, às vezes, transnacional, é possível tomar a produção literária regional como um sistema particular e mais específico de produção, difusão, valoração e consumo. Com a categoria “literatura *em* uma região” (STÜBEN, 2013), abrangem-se os seguintes aspectos: quem escreve, quem publica, quem critica, quem lê; quem incentiva, quem patrocina, quem fatura; que gêneros se publicam, quanto se publica; quem vende, onde se vende, para quem se vende etc. Trata-se de verificar, assim, como as “regiões literárias” definem-se a partir dos elementos que constituem um sistema literário particularizado.

O recorte espacial da pesquisa

Cumprida essa etapa inicial, que resultou em dois artigos teóricos (ARENDT, 2012; 2015), a atenção voltou-se à busca de materiais literários produzidos na região da Serra Gaúcha, que compreende 55 municípios situados no Nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Todavia, em razão do grande número de materiais disponíveis nesse recorte espacial, optou-se por restringir a pesquisa apenas a Antônio Prado, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, Ipê, São Marcos, Nova Pádua, Monte Belo do Sul, Santa Tereza e Pinto Bandeira – municípios pertencentes à Região Metropolitana da Serra Gaúcha (doravante, RMSG), instituída pela Lei Complementar nº 14.293, de agosto de 2013. Na Tabela 1 há informações gerais sobre os municípios abrangidos pela pesquisa:

Tabela 1 - Dados sobre os municípios da RMSG abrangidos pela pesquisa.

Municípios	Ano de criação	2010					
		População (hab.)			Taxa de urbanização	Densidade	Taxa de crescimento (2000-2010)
		Urbana	Rural	Total	(%)	(hab./km²)	(% aa)
RMSG	2013	673.651	61.625	735.276	91,62	93,0	-
Antônio Prado		9.235	3.598	12.833	72,00	36,9	-0,07
Bento Gonçalves		99.069	8.209	107.278	92,35	280,9	1,61
Carlos Barbosa		19.992	5.200	25.192	79,36	110,2	2,07
Caxias do Sul		419.406	16.158	435.564	96,29	264,9	1,91
Farroupilha		55.053	8.582	63.635	86,51	176,6	1,41
Flores da Cunha		20.855	6.271	27.126	76,88	99,2	1,37
Garibaldi		27.211	3.478	30.689	88,67	181,3	1,49
Ipê		3.103	2.913	6.016	51,58	10,0	0,98
Monte Belo do Sul		770	1.900	2.670	28,84	39,1	-0,75
Nova Pádua		732	1.718	2.450	29,88	23,7	0,22
Pinto Bandeira ¹		-	-	2.868 ²	-	-	-

Continua

Continuação

Santa Tereza	627	1.093	1.720	36,45	23,8	-0,27
São Marcos	17.598	2.505	20.103	87,54	78,5	0,59

¹ O município de Pinto Bandeira foi instalado em 2012.

² Estimativa do IBGE para 2017.

Fonte: Rio Grande do Sul (2012), com reelaboração gráfica.

Como se vê, a RMSG não chega a um milhão de habitantes e apenas Caxias do Sul engloba mais da metade do total de habitantes. Fundado em 1890 (mesmo ano da fundação de Bento Gonçalves), esse município também possui maior área territorial, razão pela qual veio a se constituir uma espécie de núcleo/centro para a região. Ao mesmo tempo, Caxias do Sul sedia o maior número de editoras, jornais, escritores, eventos culturais e estudantes universitários (atualmente, os cursos de Letras e Jornalismo, bem como de Mestrado e Doutorado em Letras, são oferecidos somente em Caxias do Sul).

Contando com um pouco mais de 100 anos de produção literária, a região ainda não foi objeto de um estudo desta natureza, o qual se acredita ser necessário em vista de que, por exemplo, nas histórias literárias nacionais e estaduais, com exceção de um número reduzido de autores que transbordaram as fronteiras regionais e ingressaram no “cânone”, a literatura serrana não é conhecida em suas particularidades e tampouco tem contemplados os autores que alcançaram expressividade e notoriedade apenas no referido contexto regional, entre 1897 e 1967³.

Com base, em especial, na proposta teórica de Parr (2019), Stüben (2013) e Berumen (2005) acerca das histórias literárias regionais, além dos textos literários em si, interessam à presente investigação outros elementos que ajudam a compor a cena literária e cultural regional, tais como: 1) a presença de meios de difusão da literatura, como jornais, revistas, calendários e almanaques; 2) a existência e a atuação de editoras, livrarias, bibliotecas para pesquisa e empréstimo, grêmios literários, clubes culturais, grupos de leitura, salões literários, *performances*, centros culturais, escolas e universidades como instituições de formação dos autores e seu público; 3) crítica literária, políticas culturais regionais, recepção em outras regiões, presença de literatura estrangeira no original ou em tradução, versão de obras para outras línguas que possibilitem a recepção fora do país; 4) recursos dialetais, situações de bilinguismo, e circunstâncias étnicas, históricas, geográficas, sociais e mentais.

O recorte temporal da pesquisa

Os setenta anos englobados por esta pesquisa foram marcados, na região, por pelo menos quatro eventos importantes: em 1897, surgiu o primeiro jornal local, intitulado *O Caxiense*; e, em 1967, houve o lançamento da antologia poética do Grupo Reunião (que ficou conhecido como Matrícula), a criação

³ Os autores desse período que receberam destaque nas histórias literárias do Rio Grande do Sul são: Vivita Cartier (1893-1919), Olmiro Azevedo (1895-1974), Ernani Fornari (1889-1964) e, em 1967, compondo o Grupo Matrícula, Jayme Paviani (1940), José Clemente Pozenato (1938), Oscar Bertholdo (1935-1991), Ary Nicodemus Trentin (1944-2002) e Delmino Gritti (1944).

do Concurso Anual Literário de Caxias do Sul e a fundação da Universidade de Caxias do Sul (UCS). As duas datas marcam o início da imprensa regional (1897), que publicou os primeiros textos literários, e a consolidação do sistema literário da Serra Gaúcha (1967), com o Grupo Matrícula.

Aline Brustulin Cecchin, em pesquisa sobre a contribuição do Grupo Matrícula (1967) para a consolidação do sistema literário serrano, confirma essa percepção e acrescenta que “o concurso, que ainda acontece anualmente, objetivava incentivar a produção literária no município, inclusive nos anos seguintes, financiando os custos de publicação dos textos premiados” (CECCHIN, 2014, p. 59). De fato, todos os textos premiados nos seus 50 anos de existência foram publicados em livros com verba pública e em editoras locais. Quanto à fundação da Universidade de Caxias do Sul, a autora afirma que “ao tornar-se universidade, outros eventos importantes merecem ênfase, como a criação de um grupo de teatro com estudantes da universidade (1968), a criação do Núcleo de Arte (1967) e a chegada na cidade, através de verbas públicas, de bibliotecas especializadas, além de todo o desenvolvimento intelectual que uma universidade produz na comunidade regional” (CECCHIN, 2014, p. 63). Além disso, a universidade contribuiu para a formação de um ambiente intelectual, já que atingiu, 50 anos depois, a marca de 30.000 alunos distribuídos em 80 cursos de graduação e pós-graduação *lato e stricto sensu*. Quanto à publicação da antologia do grupo Matrícula, na opinião de Cecchin (2014, p. 66), ela “constitui um dos principais acontecimentos da década de 1960 para o âmbito da poesia em Caxias do Sul, na Serra Gaúcha e, também, no Rio Grande do Sul”, especialmente pelos seus desdobramentos no sistema literário serrano e o transbordo posterior dos autores e obras para outros sistemas.

No que se refere à utilização do primeiro jornal caxiense como delimitador temporal da pesquisa, vale lembrar o que afirmam Pozenato e Giron, no livro *100 anos de imprensa regional: 1897-1997*, sobre a formação da imprensa escrita na Região da Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul⁴ e o papel que ela desempenhou:

O imigrante italiano fez várias tentativas para, através dos jornais, desenvolver a cultura da região em que habitava, pois podem-se encontrar aspectos literários, científicos, humorísticos e críticos ao lado de aspectos informativos, em muitos deles. Nesses jornais, tanto era apresentada a produção literária local como se reproduziam poesias e crônicas de autores nacionais e internacionais. Essa constatação, a nosso ver, vem contrariar a ideia de que o imigrante preocupava-se apenas em fazer dinheiro nessa terra, deixando de lado o aspecto cultural. Ele procurou desenvolver também a cultura, fazendo uso dos veículos de comunicação de mais fácil impressão para a época, que eram os jornais. As gráficas da região, trabalhando com impressão manual e demorada, ainda não comportavam um trabalho ágil para a impressão de muitos livros (POZENATO; GIRON, 2004, p. 63).

Entre 1897 e 1967, recorte temporal desta pesquisa, foram instituídos, apenas em Caxias do Sul, em torno de 70 jornais – alguns com circulação restrita a poucas edições, e outros com circulação que

⁴ A região da Serra foi povoada por imigrantes italianos que começaram a chegar em 1875. Por isso, a Serra Gaúcha também é conhecida como Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul (RCI).

se estendeu por décadas, como é o caso do *Correio Rio-grandense* (1941-2016) e de *O Pioneiro* (1948-2017). Reconhece-se aqui que a criação e a manutenção de periódicos sujeitam-se a forças econômicas e históricas, não estando imunes, inclusive, a dificuldades provocadas pelo próprio mercado editorial e pela problemática que envolve a criação de um público leitor. Por isso, a efemeridade de determinados periódicos e as mudanças de nome ou de linha editorial de outros.

O jornal como fonte de pesquisa

A pesquisa nos jornais é feita, de forma quase integral, no *site* do Centro de Memória da Câmara Municipal de Vereadores de Caxias do Sul, que possui todos os periódicos digitalizados e os disponibiliza à comunidade⁵. Textos literários, bem como notícias sobre literatura, música, cinema e outras artes, são selecionados, arquivados e catalogados de acordo com o respectivo periódico, a data, a página, o título, o gênero textual, o autor e o assunto. Quando necessário, são acrescentados comentários explicativos sobre o material.

Entre os jornais pesquisados, todos de circulação local e regional, há aqueles voltados de modo específico à política, às variedades, ao humor, à religião, à notícia, bem como os que se direcionavam a um certo tipo de público, como a criança, a família, o agricultor, o operário etc. Em quase todos, encontram-se referências à vida literário-cultural regional ou suprarregional.

Chama atenção, no recorte de sete décadas, que 18 jornais tiveram circulação não maior que um ano. Já o jornal mais antigo, com mais de 100 anos de circulação, é de propriedade da congregação dos Capuchinhos, e o seu conteúdo é, quase em sua íntegra, religioso, voltado, por conseguinte, à crônica dos fatos religiosos na região e no mundo. Uma particularidade desse periódico é ele ter mudado de nome em várias ocasiões: iniciou como *La Libertá*, no ano de 1909, mudou para *Il Colono Italiano*, em 1910, para *Stafetta Riograndense*, em 1917, e, após, para *Correio Riograndense*, em 1941. Nos anos 1940, o governo brasileiro proibiu o uso das línguas italiana e alemã, devido aos eventos da Segunda Guerra Mundial envolvendo a Itália e a Alemanha, e esse jornal aboliu temporariamente o idioma italiano e o dialeto vêneto.

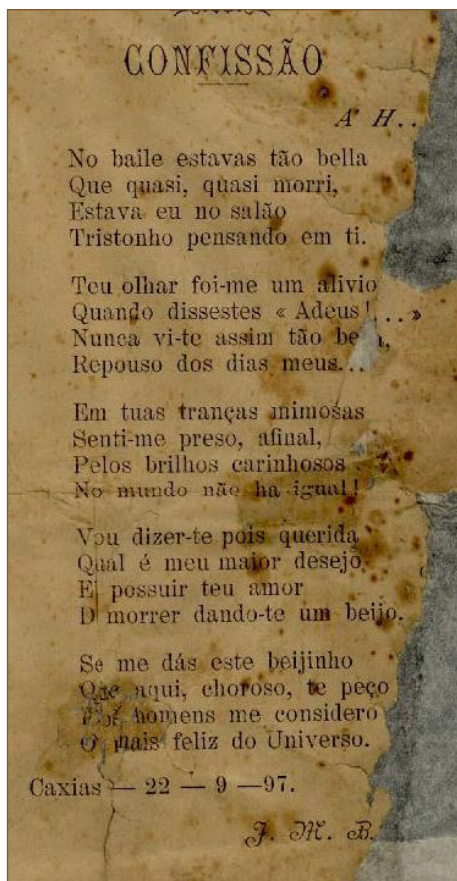
Até o momento, foram coletados em torno de vinte mil documentos nos cinquenta e seis jornais vasculhados, os quais podiam circular mensal ou diariamente, embora fossem mais frequentes os semanários. A cidade com mais expressivo número de publicações é Caxias do Sul, o que se explica, como já foi afirmado, por sua maior população e por seu intenso desenvolvimento econômico, especialmente no ramo da indústria metalúrgica.⁶

A seguir, transcreve-se aquele que é considerado o primeiro registro literário em Caxias do Sul. Trata-se do poema intitulado “Confissão”, dedicado a uma mulher cujo nome inicia com H, e que é assinado por um poeta com as iniciais J.M.B.

⁵ Ver: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/portalliquid>

⁶ O *Boletim Eberle*, por exemplo, é um periódico criado pela metalúrgica Eberle e dirigido aos próprios funcionários da empresa.

Figura 1 - Poema “Confissão”.



Fonte: *O Caxiense*, 15/10/1897, p. 1.

CONFISSÃO

A H...

No baile estavas tão bela
Que quase, quase morri.
Estava eu no salão
Tristonho pensando e ti.

Teu olhar foi-me um alívio
Quando dissestes « Adeus!... »
Nunca vi-te assim tão bela,
Repouso dos dias meus...

Em tuas tranças mimosas
Senti-me preso, afinal,
Pelos brilhos carinhosos
No mundo não há igual!

Vou dizer-te pois querida
Qual é meu maior desejo.
É possuir teu amor
D (sic) morrer dando-te um beijo.

Se me dás este beijinho
Que aqui, choroso, te peço
Dos homens me considero
O mais feliz do Universo.

Caxias - 22 - 9 - 97

J.M.B.

Entre notícias diversas sobre o município, escritas em português e italiano, a mesma edição de *O Caxiense* traz mais dois poemas e um conto: um deles assinado por José Michel, e os outros dois textos, por Henrique Vieira. Do primeiro, sabe-se ser José Michel de Barros Cobra – um advogado e correligionário republicano do então presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros –, que atuou no município de Antônio Prado e faleceu no município de Farroupilha, em 28 de maio de 1919⁷. As iniciais J.M.B. que subscrevem o poema anteriormente transcrito (“Confissão”) são as de José Michel, mas não há registro algum de que tenha publicado em livro os seus poemas. Quanto a Henrique Vieira, não foram, ainda, descobertos dados biográficos.

Outro exemplo que ilustra as condições da produção literária local é o de Hélio Mantovani e Roberto Cardoso Eilert, que na década de 1960 publicaram poemas com certa frequência no jornal *Caxias*

⁷ Cf. Fatos Históricos (1961). Ver também Balbinot (2016).

Magazine (1958-1970), chegando, inclusive, a ter seus textos supostamente reunidos em dois volumes – *Caderno I e Caderno II* –, conforme anúncio dos próprios autores no referido periódico. Contudo, esses *Cadernos* não foram localizados para leitura, e seus autores desapareceram da cena literária. Sabe-se apenas que Eilert, responsável pela coluna literária no referido jornal, nasceu em Caxias do Sul, em 2 de janeiro de 1940, fez carreira no Ministério Público do Rio Grande do Sul, aposentando-se como procurador da justiça e falecendo em Porto Alegre, em 9 de fevereiro de 2011.

Nessa perspectiva, notícias sobre cinema, teatro, salões de poesia, inauguração de bibliotecas, reuniões de grupos de escritores e leitores, ao lado da divulgação de eventos como feiras de livros, os concursos literários e as palestras com “homens de letras” também eram constantes. Contos, crônicas, artigos de crítica literária e resenhas de obras apareciam ao lado da publicidade de editoras e livrarias.

Embora o foco central do projeto seja estudar a “presença da literatura como oferta da recepção” (STÜBEN, 2013, p. 47), não podem ser desconsiderados os gêneros e as temáticas dos textos publicados nos jornais em sua relação com os contextos de produção e circulação da época, “já que somente na combinação de todos os três fatores – recepção, produção e temática – constitui-se uma paisagem literária” (STÜBEN, 2013, p. 47).

Além dos jornais, existe, desde 1900, uma longa lista de obras literárias publicadas *na e sobre* a região investigada, e que praticamente permanecem ignoradas do público leitor em geral. A pesquisa tem mostrado que essas produções literárias, juntamente com as demais atividades culturais, foram responsáveis pelo surgimento e pela consolidação de um sistema literário regional, a ponto de hoje se poder falar de uma Literatura da Serra Gaúcha ou de uma Literatura da Região de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul – ou até de uma Literatura da Região Metropolitana da Serra Gaúcha.

Aspectos metodológicos: a Teoria dos Pontos Nodais

Na perspectiva do pesquisador alemão Rolf Parr (2018, p. 2), “a escrita da história literária regional traz consigo dificuldades que ultrapassam às da tradicional historiografia literária filológica nacional”. Por isso, a pergunta que se deve colocar, nesse caso, é: “como escrever uma história literária regional [...] sem simplesmente recair sobre autores e cronologias?”. A resposta para essa pergunta pode ser buscada na teoria dos “pontos nodais”, em que, ao se renunciar às narrativas abrangentes e transversais, tomam-se determinados “nós” para compor um problema geral de pesquisa.

Tanto no texto “Um modelo de escrita de história literária regional: o exemplo da Região do Ruhr (Alemanha)”, traduzido e publicado no Brasil em 2018 no contexto da pesquisa aqui já desenvolvida, quanto no livro *Ruhrgebietsliteratur seit 1960: eine Geschichte nach Knotenpunkte* (“A literatura da região do Ruhr desde 1960: uma história a partir dos pontos nodais”), recentemente publicado na Alemanha, ambos assinados por Rolf Parr, há caminhos que apontam para isso.

De acordo com esse autor, a escrita de uma história literária regional, como qualquer forma de historiografia literária, não deve apenas produzir relações entre 1) números, dados e fatos literários, tais como, por exemplo, as datas de publicação dos textos, os dados biográficos dos autores e 2) entre

conteúdos e estéticas dos textos; ela deve, igualmente, contemplar tanto os elementos e informações de cunho social, político, econômico, filosófico, historiográfico, quanto o caráter regional como uma categoria transversal.

Para além das enumerações externas pela data de publicação ou da apresentação de algum tipo de lógica de desenvolvimento, é necessário considerar “o gradual estabelecimento de uma ideia, um estilo, um método de escrita ou também de um conteúdo que se torna expressivo” (PARR, 2018, p. 3). No primeiro caso, o método orienta-se pelo registro e pela enumeração de informações, compondo um inventário aditivo de elementos; já no segundo, utiliza-se “uma forma de análise ordenada e, com isso, ao mesmo tempo, de interpretação, na qual algumas formas mistas podem ser encontradas, tal como uma crônica comentada e enriquecida com exemplos de textos e materiais” (PARR, 2018, p. 3).

Ao perguntar “qual história deve realmente ser contada?”, Parr (2018, p. 4) responde que o maior problema da escrita de histórias literárias regionais reside na delimitação do objeto, o qual, na sua opinião, é mais difuso e variável que o de natureza nacional, porque a região não se ajusta aos limites físico-geográficos, como costuma acontecer com a nação. No que tange aos escritores e suas produções que podem ser contemplados, Parr propõe que se pergunte a respeito de “quais autores e quais obras pertencem a uma determinada região literária” (PARR, 2018, p. 11). E, na sua opinião, devem figurar “na constituição do objeto da literatura regional as três opções: *de*, *sobre* e *para*” (PARR, 2018, p. 6). Nesse sentido, seriam importantes apenas os autores *da* região, ou também aqueles que escreveram *sobre* e *para* a região? Na solução que o autor busca para essa problemática, por meio da sua “História da literatura do Ruhr desde 1960”, ele sugere que se registre “o que é relevante para a comunicação sobre a literatura na Região do Ruhr. Isso significa que é tomada por base uma noção funcional-comunicativa da literatura, que [...] ‘entende a literatura como forma de movimentação em condições regionais específicas’” (PARR, 2018, p. 6). Consequentemente, “a regionalidade [...] será concebida ‘não mais como estrutura territorial unificada, mas como a expressão de uma organização especial de relações sociais locais’” (PARR, 2018, p. 6).

Ao analisar o modelo historiográfico de Alexander Honold e Klaus R. Scherpe (2004) em sua *Kulturgeschichte des Fremden* [História cultural do estrangeiro], Parr afirma que

eles renunciam às narrativas abrangentes/transversais ao longo das quais os materiais são apresentados e, em vez disso, tentam se concentrar em “pontos nodais” ou “culminantes” de natureza eventual⁸ (Ereignischarakter), a partir dos quais, para cada uma das múltiplas perspectivas dos leitores, novas conexões com outros nós podem ser constantemente criadas. Cada um desses nós deve compor um problema geral, além das razões concretas. Dentro de um ponto nodal, “abrem-se”, desse modo, “perspectivas de *longue durée*, em linhas históricas temáticas ou sistemáticas”, e as “análises detalhadas das obras e as digressões histórico-midiáticas” encontram seu lugar (PARR, 2018, p. 17).

⁸ No sentido de evento, acontecimento.

Isso significa que os pontos nodais precisam ser bem definidos, de modo que, ao se sobrepor ou se interligarem, eles cubram “simultaneamente a lista cronológica das autoras, dos autores e dos textos a serem considerados”. Ainda de acordo com o autor, uma

proposta de escrita da história literária regional como peça teórico-metodológica central deve se basear em uma teoria nodal que seja bastante precisa e coordenada, o que representa uma parte significativa do trabalho de pesquisa a ser realizado, pois aquilo que se apresenta relevante como ponto nodal deve, antes de mais nada, ser elaborado a partir das fontes, das recepções, das discussões, das correspondências e, ocasionalmente, também dos patrimônios e legados. Caso contrário, as estruturas assumidas seriam arbitrariamente projetadas no material. Quanto mais minuciosa e precisamente os nós forem desenvolvidos a partir das fontes, melhores serão as oportunidades de interação dentro da história literária do Ruhr. (PARR, 2018, p. 18)

Assim, do ponto de vista metodológico, o autor propõe que se deve examinar o material empírico de forma a integrar “a alta literatura institucionalizada e a literatura popular”, contemplar “as especificidades de cada texto”, evitar a “compreensão teleológica da evolução histórica”, conjugar “tendências multiculturais na literatura”, romper “com a ideia de que as épocas são como seções compartimentadas de sentido e evolução”, olhar “além dos limites da região e incorporar aspectos culturais e midiáticos”, bem como considerar “que o espaço geográfico e cultural modificou-se muitas vezes” (PARR, 2018, p. 18-19).

No livro intitulado *Ruhrgebietsliteratur seit 1960: eine Geschichte nach Knotenpunkte* (“A literatura da região do Ruhr desde 1960: uma história a partir dos pontos nodais”), assinado por Brita Caspers, Dirk Hellenberger, Werner Jung e Rolf Parr (2019), da Universität Duisburg-Essen (UDE), há uma aplicação concreta dessa teoria nodal. Observa-se, por exemplo, que os autores da pesquisa realmente dispensam a narrativa tradicional totalizante e cronológica baseada em épocas, obras e autores, focando, em contrapartida, em pontos nodais que se articulam entre si e cobrem o período estudado (1960-2010).

No livro, os pesquisadores partem do estudo do “Dortmunder Gruppe 1961” (Grupo Dortmund 1961) e desembocam na “Kulturhauptstadtjahr 2010” [Cidade Capital da Cultura 2010]. Entre este e aquele evento, encontram-se os seguintes pontos nodais:

- *Rendezvous* com a décima musa no Ruhr [estudo sobre os espetáculos de cabaré/teatro];
- Entre vanguarda literária e ação política: o Protocolo Bottrop e a discussão quanto à literatura documental, realista e autêntica;
- “Literatura de baixo”: o grupo de literatura do mundo do trabalho;
- A cena televisiva do Ruhr [a literatura nas séries de TV];
- A cena de leitura do Ruhr: o nascimento de um gênero intermidial de sucesso [os romances criminais populares e a sua relação com a literatura];

- O Ruhr transforma-se em história: rememoração literária em tempos de mudança estrutural;
- Do livro *Hochlarmarker*, até a Pesquisa Oral-history [histórias de vida na literatura];
- O Ruhr na perspectiva da literatura intercultural [incorporação à literatura das experiências coletivas relacionadas à migração];
- A literatura *pop* do Ruhr [relação entre literatura e música, especialmente o *pop-rock*];
- Institucionalização e mediação da literatura do Ruhr [a literatura que se orienta e se institucionaliza com base na mídia: revistas, editoras, anuários, eventos];
- A literatura do Ruhr é história [os romances históricos].

Cada ponto nodal não emerge *a priori*, mas, sim, da análise do material empírico disponível. No início de cada capítulo, que é constituído por um ponto nodal e seguido de um subtítulo temático, os pesquisadores buscam responder, em forma de resumo, a algumas questões norteadoras, tal qual se observa, por exemplo, no capítulo “Grupo Dortmund 1961: o estabelecimento da temática ‘o universo do mundo industrial’ no Ruhr”. Veja-se:

- Como o ponto nodal é motivado?
São descritas as razões para considerar o *Grupo Dortmund 1961* um ponto nodal. Ele, por exemplo, foi criado pelo bibliotecário Fritz Hüser com base em uma liga de artistas que existiu entre 1926 e 1933 e se autodenominava *Grupo Dortmund*. Em ambos os casos, a atenção voltava-se aos problemas do universo do trabalho industrial do Ruhr.
- Como a região do Ruhr é vista pelo ponto nodal?
Explicitam-se brevemente as conexões temáticas dos escritores do *Grupo Dortmund 1961* com o universo cultural do Ruhr.
- Como o tema “Literatura do Ruhr” constitui-se a partir do ponto nodal?
Trata-se de verificar se todos os autores do *Grupo* têm alguma vinculação temática e biográfica com a “Literatura do Ruhr”.
- Quais são as conexões do ponto nodal com outras discussões e desdobramentos?
Verifica-se como e em que medida autores do *Grupo* engajaram-se em outros temas, tendências e grupos suprarregionais, nacionais ou internacionais.
- Qual é a relação deste ponto nodal com outros pontos nodais?
No caso do *Grupo Dortmund 61*, os pesquisadores observam que ele influenciou, por exemplo, o Protocolo Bottrop e a literatura documental.
- Quais são os autores e obras do ponto nodal?
Apontam-se aqui as obras e os autores engajados no tema “o universo do trabalho industrial”, mencionado no subtítulo.

Uma proposta de análise: os pontos nodais da literatura da RMSG

Observando as especificidades culturais, históricas e literárias locais, propõem-se, a seguir, alguns pontos nodais que se projetam do material empírico e que serão desenvolvidos nesta pesquisa. Em vista da natureza deste artigo, cada ponto será brevemente descrito e acompanhado, se possível, de algum exemplo ou de menções a autores que possam ilustrá-lo.

A literatura sobre a imigração italiana e o imigrante: a corrente imigratória da península itálica para o Sul do Brasil marcou profundamente a cultura da RMSG. Dos sete milhões de italianos que deixaram a Itália, entre 1860 e 1920, para diversas regiões do mundo, em torno de oitenta mil dirigiram-se para as colônias do estado do Rio Grande do Sul e se estabeleceram no território em que hoje se localizam as cidades da RMSG (originalmente, as colônias Caxias, Conde D'Eu e Dona Isabel).

Esse evento histórico marcou a literatura local, tornando-se uma espécie de pedra de toque de um grande número de autores, que se debruçou sobre o tema da imigração italiana de forma mais laudatória, do que crítica. Entre outros que publicaram livros, no recorte temporal desta pesquisa, destacam-se Mansueto Bernardi (1917), Ernani Fornari (1928), Olmiro Azevedo (1936) e Fidélis Dalcin Barbosa (1961). Já nos jornais, há tal profusão de crônicas e poemas que tratam do tema, desde os primórdios da imprensa local até o ano de 1967, que é impossível detalhá-la aqui. E chamam atenção, de maneira especial, as publicações nos anos próximos a 1950, quando se inaugura o Monumento Nacional ao Imigrante, em Caxias do Sul, bem como na data em que anualmente, desde 1931, comemora-se a Festa Nacional da Uva.

A literatura em língua italiana e dialeto vênето: em razão de o fluxo imigratório italiano no Rio Grande do Sul concentrar-se no território em que hoje se localiza a RMSG, ocorreram aí a manutenção e o cultivo de práticas culturais oriundas da península itálica. A língua italiana e diversos dialetos mantiveram-se na conversação cotidiana e na comunicação escrita. Embora o primeiro jornal da região, *O Caxiense*, tenha circulado integralmente em português, dois anos depois, em 1º de janeiro de 1898, surge *Il Colono Italiano*, “*Bollettino cattolico mensale*” que, já à página três do seu primeiro número, trouxe “*Il canto del lavoratore*”, hino-poema de autoria de um pároco italiano que seria adotado pela Federação Católica Caxiense e entoado em eventos religiosos.

Nos anos seguintes, surgem outros jornais em língua italiana e no dialeto dominante, o vênето, como *Il Corriere Coloniale*, *Ecos do Mundo*, *Città di Caxias*, *La Libertà*, *Correio Riograndense*, *Il Giornale dell'Agricoltore*, *Il Colono Italiano* e *Stafetta Riograndense*. Alguns desses circulavam integralmente em língua estrangeira, ao passo que outros mantinham apenas algumas seções. Entre as obras veiculadas, destaca-se *Vita e stória de Nanetto Pipetta*, do padre Aquiles Bernardi, publicado em forma de folhetim no *Stafetta Riograndense*, entre 1924 e 1925, e que ganhou o formato de livro somente em 1937.

A imprensa católica e a literatura de cunho religioso: oriundos do berço do catolicismo na Europa, não seria de estranhar que entre a grande maioria dos imigrantes italianos a religião católica fosse predominante. Nesse sentido, diversos jornais da RMSG eram de propriedade de congregações religiosas católicas e serviam como veículos de propagação de ideias, notícias e textos perfilados às suas linhas

editoriais. O *Correio Riograndense*, que até hoje tem edição *online*,⁹ é o jornal de mais longa circulação na RMSG: surgiu em 1909, em Caxias do Sul, com o nome *La libertá*, foi vendido à congregação dos Capuchinhos de Garibaldi, que mudou seu nome, em 1910, para *Il Colono Italiano*, em 1917, para *Stafetta Riograndense* e, em 1941, por ocasião da Segunda Guerra Mundial, para *Correio Riograndense*.

A literatura de cunho religioso nos jornais é marcada por parábolas e poemas, geralmente assinados por membros porta-vozes das congregações religiosas. Já nas obras literárias, merece destaque neste momento o já referido frei Fidélis Dalcin Barbosa, que em todas as obras de ficção tem como pano de fundo questões de cunho religioso. Na visão do mundo presente em suas produções, o sucesso das personagens é sempre devido à fé incondicional no poder divino.

A literatura sobre o mundo do trabalho agrícola e industrial: embora o imaginário da imigração italiana tenha sido embalado pelo mito medieval da Cocanha – a América como lugar da fartura alimentar sem esforços –, o trabalho permeia grande parte da produção literária da RMSG. É simbólico, nesse sentido, o já mencionado “Canto do trabalhador”, de 1898, no jornal *Il Colono Italiano*. Mas, se nos primórdios da colonização o trabalho manual e agrícola era exaltado na literatura regional, a partir dos 1930, com a implementação da política industrial de Getúlio Vargas, também o trabalho industrial ganha destaque. Entre inúmeros exemplos, faz-se aqui menção a uma crônica assinada pelo Velho Laranjeira, em 1949, na qual o autor exalta o industrial Abramo Eberle, símbolo do empreendedorismo caxiense, “exemplo de patriotismo, de amor, de trabalho e de honradez”, responsável por “forjar este admirável parque industrial”, tornando-se “o pioneiro da independência econômica do Brasil” (LARANJEIRA, 1949, p. 2).

De um modo geral, o trabalho constitui, junto com a religião e a família, um dos tripés ideológicos que ainda hoje fundamenta a organização social das comunidades de imigração italiana. Celebrado em boa parte da literatura produzida no recorte temporal desta pesquisa, a tentativa mais audaciosa de sua desconstrução acontece somente em meados da década de 1980, quando José Clemente Pozenato, integrante do Grupo Matrícula, lança o romance *O quatrilho*, primeiro volume da sua trilogia sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul.

A censura e o controle da literatura: a RMSG foi profundamente marcada pelo controle e censura à circulação de obras literárias, periódicos e HQs. Embora desde a década de 1910 sejam observados ataques ao que os guardiões da moral chamavam de “má imprensa e má literatura”, a partir da década de 1930 determinados periódicos religiosos fizeram verdadeiras cruzadas contra qualquer publicação que parecesse nociva às famílias e aos jovens. O jornal que mais intensivamente ergueu essa bandeira é o já referido *Correio Riograndense*, que atacava autores e publicava listas tanto de obras e revistas, quanto de editoras leigas, protestantes e espíritas proibidas aos fiéis. Na mesma esteira, perfilava-se o jornal *O Pioneiro*, surgido na década de 1940, que em reportagens aplaudiu a destruição em praça pública de jornais e revistas que atentavam contra a moral cristã.

Uma obra literária destaca-se nesse contexto, no final da década de 1940, por ter sido recolhida e destruída por autoridades religiosas. Trata-se do romance *Missa negra*, de Zulmiro Lino Lermen, que,

⁹ Ver: <https://www.tuaradio.com.br/>. Acesso em: 21 de abril de 2023.

lembrando o livro *O exorcista* (William Peter Blatty, 1971), narra a história de uma jovem em possessão demoníaca, que teria sido exorcizada. Mesmo que não se tenha encontrado nos jornais desse período nenhum registro da sua queima, uma entrevista concedida pelo autor nos anos 1980 confirma o caso.

A *Academia Caxiense de Letras*: fundada em 1962 e atuante até os dias de hoje, a ACL-RS congregou um grande número de jornalistas, intelectuais e escritores abrangidos pelo recorte temporal desta pesquisa. Como toda agremiação literária, desempenhou papel importante na promoção da literatura regional, desde a organização de eventos, até a divulgação de livros. Na lista de fundadores e patronos, encontram-se nomes conhecidos na região, como José Bernardino dos Santos, Vivita Cartier, Ítalo João Balen, Zulmiro Lino Lermen e Mário Gardelin.

O *Grupo Matrícula*: surgido em 1967,¹⁰ último ano abrangido por esta pesquisa, o Grupo Matrícula teve um papel fundamental para a consolidação do sistema literário da RMSG. Se até este momento a produção literária era esparsa e ainda muito voltada a temas locais – as regionalidades serranas –, com o Grupo Matrícula ocorre um alargamento significativo das temáticas e uma profissionalização da crítica literária. Com a formação clássica de seminaristas, além de produzirem literatura, José Clemente Pozenato, Jayme Paviani, Ary Nicodemus Trentin, Oscar Bertholdo e Delmino Gritti dedicaram-se, em graus diferentes, à crítica literária, seja em jornais de notícias, seja em periódicos acadêmicos.

Considerações finais

Esse breve olhar sobre a literatura produzida na RMSG, considerando os pontos nodais propostos, possibilita tirar algumas conclusões, como as que seguem:

1. A imigração italiana, como evento histórico, é um aspecto que atravessa, em diferentes medidas, todos os pontos nodais e pode ser considerado uma espécie de fio que os tece e os reforça. Ela aparece entre os diversos temas abordados na literatura e particulariza a cultura regional, dando-lhe uma identidade.
2. Na senda da imigração italiana e sua forte cultura catolicista, posicionam-se vários meios de comunicação impressos, divulgando, por um lado, valores que consideram pertinentes e, por outro, condenando aqueles que julgam destoantes. Emerge aí, por exemplo, a cruzada do jornal *Correio Riograndense* contra escritores, revistas e editoras laicos.
3. Da mesma forma, a cultura de imigração italiana, que trouxe na bagagem a religião católica, delineia os valores da família e do trabalho e os torna caros a muitos escritores locais. Esse tripé sustenta o mito do imigrante celebrado em eventos públicos, na literatura e na mídia impressa da época.
4. Se a imigração italiana particulariza a cultura da RMSG, então a literatura em língua italiana e em dialeto vêneto, bem como as referências à literatura italiana, estão presentes de forma

¹⁰ Ver: *Matrícula: antologia poética do Grupo Reunião*. Caxias do Sul, 1967.

direta e indireta, sendo que Dante Alighieri, Francesco Petrarca e Gabriele D'Annunzio figuram no topo da lista. Verifica-se, portanto, que a presença de literatura em língua estrangeira e da chamada literatura suprarregional contribuem para a criação de uma interessante rede de relações literárias, contrariando a ideia corrente sobre o isolamento da literatura local.

5. A grande maioria dos autores locais, no período recortado, tem ascendência familiar italiana ou algum tipo de relação com a cultura de imigração peninsular, fato que igualmente atribui especificidade à literatura da RMSG.

Referências

ARENDT, João Claudio. Contribuições alemãs para o estudo das literaturas regionais. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 17, p. 217-238, 2011.

ARENDT, João Claudio. Do nacionalismo romântico à literatura regional: a região como pátria. *Revista da ANPOLL*, São Paulo, v. 28, p. 175-194, 2010. Doi: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i28.164>.

ARENDT, João Claudio. Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais. *Rua*, Campinas, v. 18, n. 2, p. 83-98, 2012. Doi: <https://doi.org/10.20396/rua.v18i2.8638287>.

ARENDT, João Claudio. Literatura e espaço: o lugar da regionalidade. In: BITTENCOURT, Rita Lenira de Freitas; NEUMANN, Gerson Roberto; OLIVEIRA, Marta; PAVANI, Cinara Ferreira; GUIMARÃES, Rafael Eisinger. (Org.). *Espaço espaços: estudos de literatura comparada*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 171-183.

ARENDT, João Claudio. Notas sobre regionalismo e literatura regional: perspectivas conceituais. *Revista Todas as Letras*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 110-126, 2015.

ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto. (Org.) *Regionalismus - Regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: EDUCS, 2013. 257 p.

AZEVEDO, Olmiro. *Vinho novo*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1936.

BALBINOT, Giovanni. O juiz da colônia: usos e abusos do poder judiciário na dinâmica coronelista de poder na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul. *Revista Escrita da História*, v. 3, n. 5, jan./jun. 2016. Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10594413>.

BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Semblantes de pioneiros: vultos e fatos da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Sulina, 1961.

BERNARDI, Aquiles. *Vita e stória de Nanetto Pipetta: nassuo in Itália e vegnuo in Merica par catare la cucagna*. Garibaldi: Tipografia Stafetta Riograndense, 1937.

BERNARDI, Mansueto. *Terra convalescente*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1917.

BERUMEN, Humberto Félix. *La frontera en el centro: ensayos sobre literatura*. Baja California: Universidad Autónoma de Baja California, 2005.

CÂMARA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. Centro de Memória.

CASPERS, Britta; HALLENBERGER, Dirk; JUNG, Werner; PARR, Rolf. *Ruhrgebietsliteratur seit 1960: eine Geschichte nach Knotenpunkten*. Suttgart: J.B. Metzler, 2019.

CECCHIN, Aline Brustulin. *Poetas em “reunião”: o Grupo Matrícula e a consolidação de um sistema literário regional na Serra Gaúcha*. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014.

FATOS históricos. *Jornal Ponto Inicial*, Caxias do Sul, 1961. Disponível em: <http://jornalpontoinitial.com.br/fatos-historicos-de-hoje-28-de-maio/>. Acesso em: 12 jan. 2023.

FORNARI, Ernani. *Trem da serra*. Porto Alegre: Acadêmica, 1928.

JOACHIMSTHALER, Jürgen. A literarização da região e a regionalização da literatura. *Antares: Letras e Humanidades*, Caxias do Sul, n. 2, p. 27-60, jul./dez. 2009.

LARANJEIRA. Crônica da cidade. *O Pioneiro*, Caxias do Sul, 9 jul. 1949. p. 2.

MECKLENBURG, Norbert. Regionalismo literário em tempos de globalização. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto (org.). *Regionalismus - Regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: EDUCS, 2013. p. 173-195.

PARR, Rolf. Um modelo de escrita de história literária regional: o exemplo da Região do Ruhr (Alemanha). *Antares: Letras e Humanidades*, Caxias do Sul, v. 10, n. 19, p. 2-24, jan./abr. 2018.

POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: POZENATO, José Clemente. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003. p. 149-157.

POZENATO, José Clemente; PAVIANI, Jayme; GRITTI, Delmino; BERTHOLDO, Oscar; TRENTIN, Ari. *Matrícula: antologia poética do Grupo Reunião*. Caxias do Sul: Paulinas, 1967.

POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. *100 anos de imprensa regional: 1897-1997*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

RIO GRANDE DO SUL. *Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul*. 2012. Disponível em: <http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br>. Acesso em: 10 jan. 2023.

STÜBEN, Jens. Literatura regional e literatura na região. In: ARENDT, João Claudio. NEUMANN, Gerson Roberto. *Regionalismus - Regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: EDUCS, 2013. p. 37-73.

Recebido em 3 de outubro de 2024.

Aprovado em 8 de janeiro de 2025.

Resumo/Abstract

A escrita de uma história literária regional na perspectiva da Teoria dos Pontos Nodais

João Claudio Arendt

Este artigo objetiva desenvolver uma estratégia metodológica baseada na Teoria dos Pontos Nodais, com vistas a escrever uma história literária regional. Na parte inicial do texto, são apresentados dados que contextualizam a proposta, tais como a base teórica (região, regionalidade, regionalismo e literatura regional), o acervo de materiais primários e o tratamento dado a eles. Na sequência, a partir de pesquisa semelhante realizada por Rolf Parr (2018; 2019), explicita-se a Teoria dos Pontos Nodais e, tomando como base a análise preliminar dos materiais recolhidos, propõem-se os pontos nodais a serem desenvolvidos durante a escrita de uma história literária da Região Metropolitana da Serra Gaúcha (RMSG). A fundamentação teórica é formada por autores que tratam de literatura regional, como Berumen (2005), Mecklenburg (2013), Stüben (2013), Joachimsthaler (2013) e Parr (2018; 2019).

Palavras-chave: literatura regional, história literária regional, Região Metropolitana da Serra Gaúcha, Teoria dos Pontos Nodais.

The writing of a regional literary history from the perspective of the Theory of Nodal Points

João Claudio Arendt

This paper aims to develop a methodological strategy based on the Theory of Nodal Points aiming to write a regional literary history. In the initial part of the text, data that contextualize the proposal are presented, such as the theoretical basis (region, regionality, regionalism and regional literature), the collection of primary materials and the treatment given to them. Then, from similar research carried out by Rolf Parr (2018; 2019), the Theory of Nodal Points is made explicit and, based on the preliminary analysis of the collected materials, the nodal points to be developed during writing are proposed of a literary history of the Metropolitan Region of Serra Gaúcha (RMSG). The theoretical foundation is formed by authors dealing with regional literature, such as Berumen (2005), Mecklenburg (2013), Stüben (2013), Joachimsthaler (2013) and Parr (2018; 2019).

Keywords: regional literature, regional literature history, Metropolitan Region of Serra Gaúcha, Theory of Nodal Points.